



CORONEL BOCHI

Oficial Assessor de Planejamento Estratégico e Operacional - Divisão de Doutrina/ECEME.

CONFLITO RÚSSIA – UCRÂNIA: MODELAGEM DO AMBIENTE ESTRATÉGICO

“Da Guerra”, ou “Sobre a Guerra” (“Vom Kriege”), do general prussiano Carl von Clausewitz, é uma obra sobre guerra e estratégia, escrito principalmente após as guerras napoleônicas, entre 1816 e 1830, e publicado postumamente por sua esposa Marie von Brühl em 1832. Clausewitz ficou conhecido por uma definição de guerra que foi largamente difundida, mas pouco compreendida: “A guerra é a continuação da política por outros meios”. Para entender melhor essa definição, é necessário compreender o contexto no qual ele a desenvolveu e as outras definições que estão distribuídas ao longo do primeiro capítulo da obra referida, como essa: “A guerra é, pois, um ato de violência destinado a **forçar o adversário a submeter-se à nossa vontade**”.

Assim, a guerra consiste no domínio de ações estratégicas práticas, onde as Campanhas Militares, desde a Antiguidade Clássica, apresentavam soluções em ações práticas, prescindindo de elementos teóricos que orientassem a tomada de decisões. O pensamento

militar aprimora-se justamente pela tradição do estudo dos seus precedentes. Foi o conflito que gerou a teoria, não o inverso.

Para Baptista (2011): “A ação humana e os conflitos dela derivados estão no fundamento da origem das guerras e sua compreensão é a base para que se possa encontrar os meios necessários à paz. Ambos são objetos de estudo da filosofia política, classificada por Aristóteles como filosofia prática. Em oposição à metafísica ou filosofia teórica, a filosofia prática, dividida entre ética e política, tem um fim bem definido: a busca da felicidade e do bem comum, respectivamente na esfera privada e na esfera pública. A história do pensamento político comprova que o impulso necessário para a criação de uma área de estudo independente de outras áreas já exploradas pela filosofia **foram os conflitos e guerras civis**”.

Atualmente, a profusão de armamentos leves e de modernas tecnologias de comunicação (satélites, telefonia móvel, internet e mídias sociais), combinadas com dispositivos compactos de navegação e sistemas de informação de alta velocidade, **facilitam o acesso de qualquer agente a capacidades antes exclusivas de forças militares estatais**. Dispondo de tais possibilidades, atores não estatais têm organizado, coordenado e executado, com maior facilidade, ações contra governos e populações, contribuindo para que parcela significativa das ameaças contemporâneas assumam formas controversas de combate, podendo ser irregular, assimétrica, informacional etc.

Os avanços na Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) estão proporcionando maior sinergia ao combate por meio da combinação de

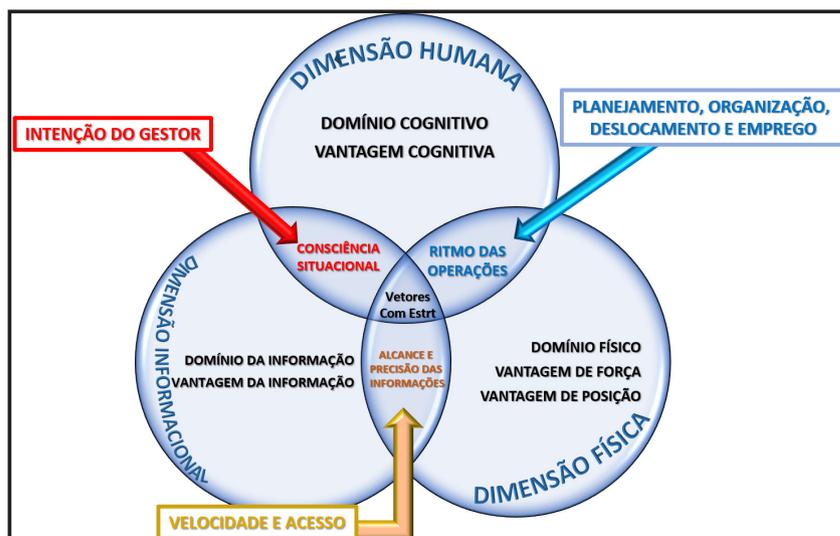


Fig 1 – Domínio da Informação e Domínio Cognitivo

Fonte: EB 60 – CE – 11.001.

avançadas capacidades de Comando e Controle, Inteligência e uso de inteligência artificial e da dimensão informacional. A Consciência Situacional e a **capacidade de informar e influenciar públicos específicos** assumiu um papel de importância irreversível. O aumento das competências militares alavancadas pela incorporação de TIC nos sistemas de combate torna a própria informação um alvo prioritário nos conflitos contemporâneos.

Do exposto, pode-se inferir parcialmente que desde os pensadores clássicos até os dias atuais, os vetores comunicacionais (verbal e não verbal, escrita e visual) são as ferramentas de modelagem do ambiente estratégico em situação de crise ou guerra, a fim de **influenciar a opinião pública** e facilitar a liberdade de ação dos dirigentes estratégicos.

MODELAGEM DO AMBIENTE ESTRATÉGICO

Desde meados do século XX, tem-se visto a dimensão informacional crescer de importância dentro dos conflitos armados: Vietnã (1955-1975), Afeganistão (1979-1989), Iraque (2003-2011), Crimeia (2014), Afeganistão (2001-2021), Ucrânia (2022 até os dias atuais) e Israel (2024) são bons exemplos de **como a comunicação estratégica direcionando as operações de informação pode ser usada para moldar o ambiente estratégico** e operacional. Aparentemente, esta importância vem se confirmando no conflito em curso entre Rússia e Ucrânia, em que uma potência visivelmente mais forte (Rússia) vem sofrendo grandes reveses na dimensão informacional, a ponto de obrigá-la a rever algumas manobras na dimensão física.

No curto período, desde o início do conflito, pode-se dizer que este, possivelmente, se tornou o mais documentado da história humana e talvez, **o maior exemplo de técnicas de guerra travada na dimensão informacional**. Assim, o estudo da cognição no processo decisório se destaca devido à concepção de que os indivíduos possuem uma estrutura mental própria, que se difere uma das outras, fazendo com que as informações sejam recebidas e processadas de formas distintas (LOBLER, 2005).

Ao desempenhar uma função, os indivíduos agem através de percepções e modelos construídos ao longo da vida, advindos de suas experiências e vivências sociais. São esses **modelos que determinam as decisões, atitudes e escolhas** na realização de alguma tarefa. Compreender como são processadas as informações e sua relação com o processo de tomar uma decisão é essencial para

o entendimento e desenvolvimento das teorias, das organizações e dos próprios indivíduos (PEREIRA; LOBLER; apud SIMONETTO, 2010).

A percepção que a população tem da realidade é cada vez mais dependente da opinião pública e a espontânea necessidade de comunicação. **Controlar a "narrativa"** não é apenas comunicar-se bem, mas comunicar antes. Dessa forma, as teorias da ciência política e da comunicação de massa, em especial aquelas com efeitos de longo prazo (Espiral do Silêncio, Gatekeeper, Newsmaking, Agenda Setting), tendem a influenciar as atitudes (efeito cognitivo) onde a "mass media" desempenha um papel relevante na construção da realidade, com as seguintes características:

a. acumulação: manter a relevância do tema por meio da repetição contínua;

b. consonância: mensagens semelhantes em todos os vetores de comunicação (imprensa escrita, mass media e mídias sociais); e

c. onipresença: massificação dos temas que propiciam a formação de um "conhecimento público" sobre os mesmos temas.

Em situações de "paz relativa", crise ou conflito armado, descritos no Conceito Operacional do Exército Brasileiro (COEB 2040), são circunstanciadas a relevância da Dimensão Informacional nos conflitos modernos, destacando que **a informação é tão importante quanto o efeito letal** para determinar os resultados da campanha militar. Porquanto, a vitória também decorre, em grande medida, da **percepção da opinião pública** acerca dos fatos e dos pormenores que os cercam. Neste contexto, cresce de importância a necessidade do planejamento e da condução de ações da Força Terrestre (F Ter) em consonância com a Comunicação Estratégica (Com Estrt), buscando-se o alinhamento das mensagens em todos os níveis, com as narrativas positivas para os temas institucionais de interesse, otimizando a unicidade e coerência nos discursos.

A integração de todos os vetores de comunicação utilizados pela Instituição e suas interrelações **possibilitam a ampliação do alcance da disseminação dos temas prioritários selecionados**, além da sincronização das ações, no espaço e no tempo, para potencializar a comunicação e permitir o atingimento de resultados mais efetivos. Isto favorecerá, nos níveis operacional e tático, a consecução dos objetivos militares.

A seguir, uma análise que confere aos gestores uma visão sistêmica e estratégica do macroambiente e que contribui para a **identificação**

de oportunidades e de ameaças que poderão interferir no rumo das ações, permitindo a avaliação e a adoção das **melhores práticas pelos planejadores de Comunicação Estratégica visando moldar o ambiente** em análise. Trata-se, portanto, de um instrumento gerencial de apoio à tomada de decisão, uma vez que possibilita monitorar e avaliar condições externas à Instituição ou ao Governo e reagir de maneira antecipada às situações identificadas, conferindo assim, vantagem competitiva.

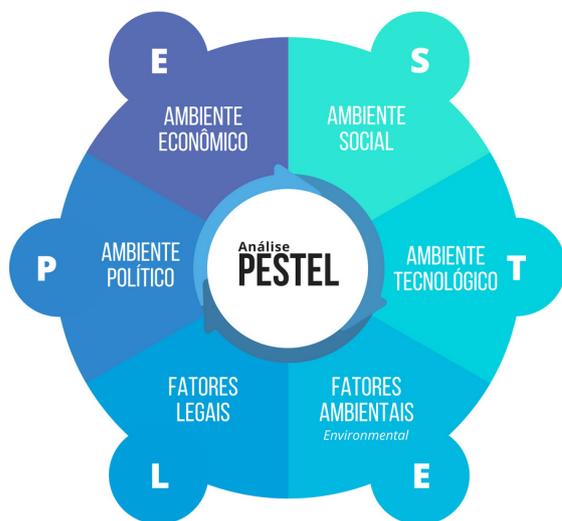


Fig 2 – Fatores oriundos do macroambiente que influenciam a modelagem

Fonte: <https://superempreendedores.com/empreendedorismo/gestao/missao-visao-valores/>.

Assim, pode-se concluir que a dimensão informacional, fundamentada na perspectiva cognitiva, compreende as ações estratégicas daqueles que desempenham papéis na obtenção, produção e difusão da informação. Estas **orientam os indivíduos ou grupos** de processamento, percepção, avaliação e, principalmente, os decisores. Esses elementos podem ser influenciados por inúmeros fatores, como por exemplo, crenças, aspectos culturais, normas, vulnerabilidades, motivações, emoções, experiências, costumes, educação, saúde mental, identidades e ideologias – tais aspectos são indutores da modelagem do ambiente estratégico.

MODELAGEM DO AMBIENTE ESTRATÉGICO NO CONFLITO RÚSSIA-UCRÂNIA

O conflito russo-ucraniano é um embate bélico entre dois países da Europa, outrora aliados e ex-integrantes da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A atual contenda iniciou-se, em sua fase bélica,

no dia 24 de fevereiro de 2022, com a invasão do território ucraniano por tropas russas, a partir de Belarus. Em mais de dois anos de guerra ou segundo a narrativa russa, “operação especial russa na Ucrânia”, foi possível notar muitos movimentos de expansão e retração das tropas, mas com muitas ações na dimensão informacional, **em busca do controle de narrativas** e da consecução de objetivos nessa dimensão do ambiente operacional. Pelas narrativas dos contendores, após dominar o noticiário internacional, a guerra na Ucrânia não deve dar sinais de arrefecimento em 2024. Mas, provavelmente, ela evoluirá de forma diferente.

Ainda que não existam estatísticas precisas, atualmente, a Rússia controla cerca de 18% do território ucraniano. A Ucrânia calcula que a guerra já custou à sua economia US\$ 150 bilhões (cerca de R\$ 726 bilhões) e, em 2024, o país planeja gastar US\$ 43,2 bilhões (cerca de R\$ 209 bilhões) com seu Exército. Já a Rússia calcula que seu orçamento militar atinja o nível recorde de US\$ 112 bilhões (cerca de R\$ 542 bilhões). Com relação às estatísticas dos contendores, foram publicados alguns dados na data do segundo ano do conflito: “É difícil estimar o número de civis e militares feridos ou mortos durante os dois anos de guerra na Ucrânia - Segredos de Estado”, de acordo com Neil Melvin, cientista político do Royal United Services Institute (RUSI), mas em dezembro de 2023, um relatório desclassificado dos serviços secretos norte-americanos enumerava 315.000 soldados feridos ou mortos do lado russo e o “New York Times” revelou, em agosto de 2023, que 70.000 soldados ucranianos tinham sido mortos e entre 100.000 e 120.000 feridos, com base em estimativas norte-americanas.

O número de refugiados e deslocados internos, de acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), é estimado em mais de 10 milhões de ucranianos que foram obrigados a abandonar as suas casas desde o início da invasão total da Ucrânia pela Rússia. Destes, mais de 6,4 milhões são refugiados no estrangeiro, dos quais, 6 milhões de ucranianos encontraram refúgio em países europeus. Soma-se a isso, 3,7 milhões de ucranianos estão deslocados no seu próprio país.

De acordo com analistas do conflito, ainda não há indícios de que qualquer uma das partes esteja preparada para aceitar um cessar-fogo. Como em um jogo de tabuleiro, qualquer movimento diferente pode gerar grandes consequências para ambos os lados. “De

um lado, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, ainda tem que lidar com tropas russas ocupando várias regiões do leste e sul do país. Neste momento, um acordo para interromper as hostilidades seria visto como uma disposição do governo ucraniano em aceitar um "status quo" em que milhões de ucranianos e diversos territórios do país seguem sob ocupação estrangeira. Do outro lado, o presidente Vladimir Putin comprometeu muitos recursos e vidas de soldados russos para, apenas, consolidar sua posição atual.

No entanto, como fulcro deste trabalho, cabe destacar as ações de **Guerra Informacional dentro conflito russo-ucraniano que já estão sendo consideradas as de maior intensidade dentre todos os conflitos já estudados.** O amplo emprego

de Comunicação Estratégica e de Operações de Informação, por ambos os lados, hodiernamente, é acompanhado de forma mais aproximada, pois o nosso acesso à informação foi ampliado pela internet, redes e mídias sociais, acessando fontes primárias pelas postagens oficiais ou secundárias através de repostagens ou comentários.

Os embates na dimensão informacional não são tão novos, porém com o advento das redes e mídias sociais tomaram um **protagonismo que não existia na modelagem do ambiente informacional.** O emprego da guerra informacional não pode ser negligenciado nos conflitos atuais, atuando desde o tempo de normalidade e prosseguindo, na mesma escala, do agravamento do conflito até o emprego bélico.



Fig 3 – A guerra informacional na modelagem do ambiente estratégico

Fonte: O Autor, imagens da internet.

Desde antes do início do conflito, a comunicação social tem sido utilizada tanto pela Rússia quanto pela Ucrânia de maneira bastante intensiva. A utilização da mídia tradicional e da não tradicional (mídias sociais) vem diariamente ganhando espaço na tentativa de controle da narrativa. Com isso, ambos os contendores têm usado o espaço midiático para justificar suas ações e acusar o outro.

A Rússia possui uma maior liberdade de ação no ambiente informacional por controlar, de forma mais incisiva, os seus

meios de comunicação. Deste modo, a Rússia, aparentemente, encontra menos dificuldades do que encontraria um país com mais liberdade de expressão em, por exemplo, controlar a narrativa perante o público-alvo interno do país.

A narrativa conduzida pelas mídias russas ainda sustenta a tese de uma operação militar especial em contraponto à narrativa ocidental de invasão. Por outro lado, verifica-se o recrudescimento do apelo internacional por parte da Ucrânia, buscando sensibilizar o ocidente da injusta invasão russa ao seu país.

Contudo, mantém-se uma disputa pelo controle da narrativa, a fim de moldar-se a percepção dos diversos públicos-alvo acerca dos desígnios estabelecidos no nível político do conflito.

A Rússia continua com a sua narrativa de legítima defesa, em face da expansão da OTAN em direção às suas fronteiras, adotando uma postura de defesa de seus interesses e de sua população, dentro e fora do seu território. Para legitimar sua “Operação Militar Especial”, Putin tem declarado a necessidade de “desnazificação” da Ucrânia, acusando Zelensky de perseguição e massacre da população ucraniana de origem russa, invocando valores ainda muito arraigados na população mundial, devido ao holocausto promovido pelos nazistas alemães. Outro ponto da narrativa empreendida pelos russos nas mídias é a de desacreditar as ações que a OTAN tem levado a cabo nos últimos anos, na clara tentativa de desqualificar a organização e retrair suas ações pela falta de legitimidade de um eventual emprego militar no conflito. Um terceiro aspecto midiático de Moscou é a de minimização dos impactos do conflito, tanto na Rússia, quanto na Ucrânia, com a finalidade de não chocar a opinião pública interna e externa com a dureza dos embates.

O Ocidente e os ucranianos exploram a desproporcionalidade da Rússia em relação à Ucrânia, onde Zelensky conduz suas ações informacionais buscando apoio interno e externo para o conflito. Há, claramente uma prioridade externa nas publicações ucranianas, na busca de apoio político e militar para o suporte aos embates bélicos, suscitando uma preocupação nos países europeus com as consequências que a Europa sofre e sofrerá sob a ameaça de uma Rússia invasora. Outra narrativa empreendida por Kiev é a de “demonização” da figura pessoal e política de Putin, em uma ação clara de descrédito no líder russo e em suas decisões. Uma terceira e muito importante imagem criada a partir de ações informacionais da Ucrânia, é a da figura heroica de Zelensky, que se recusou a fugir e permanece liderando o país, gerando uma confiança no seu público interno.

O isolamento à Rússia é recrudescido pelos países ocidentais por meio de sanções nas expressões econômica, psicossocial, política, militar e técnico-científico. Percebe-se que existe, por parte da narrativa ocidental, um clamor em prol da causa ucraniana, demonizando a figura de Vladimir Putin.

Tem-se a manutenção da acirrada guerra informacional com **desinformação utilizada**

por ambos os contendores, dificultando a percepção da veracidade dos fatos pelos diversos públicos-alvo. A Rússia, por exemplo, utiliza-se de ataques cinéticos, com a destruição de antenas de transmissão e postos de comando e controle, na tentativa de interromper o fluxo de informações e transmissão de dados ucranianos, ou seja, o efeito não cinético. Estas ações demonstram claramente a importância dada pela Rússia à dimensão informacional do ambiente operacional.

Ademais, não se nota, por parte da Rússia, uma sensibilização perante a opinião pública internacional que, majoritariamente, condena sua invasão. A chamada “perda de liberdade de ação” motivada, muitas vezes, pela falta de legitimidade parece, por hora, não estar afetando Vladimir Putin em sua campanha militar. Assim sendo, obter informações por meio dos veículos de comunicação russos e mídias sociais está cada vez mais difícil, uma vez que a maioria destes vem sendo sistematicamente bloqueados, tanto internamente pelo próprio governo russo como externamente pelos provedores ocidentais.

Por vezes, as próprias agências oficiais responsáveis por veicular notícias do governo, passam informações duvidosas e de difícil verificação, atribuindo atos considerados condenáveis ao oponente, a fim de difamar sua imagem e mudar a percepção sobre sua própria força por meio da desinformação. Notícias com conteúdo que mostram uma aparente superioridade desproporcional de um dos lados, por vezes, são veiculadas com o intuito de causar terror e influenciar o inimigo a se retirar ou se render.

O que se pode observar, até o presente momento, é que ambos os oponentes sabem utilizar-se das operações psicológicas de maneira bastante efetiva. Isso se deve, possivelmente, ao fato de que ambos são oriundos de uma das melhores escolas deste assunto, que foi a soviética. Assim, podemos inferir as seguintes afirmações no atual conflito e nos vetores comunicacionais utilizados na modelagem do ambiente estratégico:

a. guerra de informação – para controlar o que o público escolhido vê;

b. guerra psicológica – para controlar o que o público escolhido sente;

c. guerra cibernética – a capacidade de interromper as capacidades tecnológicas de certos países; e

d. guerra cognitiva – para controlar como o público selecionado pensa e reage.

Na dimensão informacional são travadas as guerras informacionais e cognitivas. Uma definição interessante de guerra informacional vem da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que em um artigo denominado “Media – (Dis)Information – Security” a descreve como sendo:

“uma operação conduzida com o objetivo de obter uma vantagem de informação sobre o oponente. Consiste em controlar o próprio espaço informacional, protegendo o acesso à própria informação, enquanto adquire e utiliza a informação do adversário, destruindo seus sistemas de informação e interrompendo o fluxo de informação. A guerra de informação não é um fenômeno novo, mas contém elementos inovadores como efeito do desenvolvimento tecnológico, que resulta na disseminação da informação de forma mais rápida e em maior escala.” (OTAN, 2021)

Do exposto, cabe analisar a modelagem do ambiente pelos contendores utilizando-se dos equipamentos de 5ª geração, que se caracteriza pela introdução de novas tecnologias ou no esforço de se manter o Estado como o principal ator. Porém, Hammes (2008) destaca que a guerra de quinta geração (5GW) vem acompanhada do advento da tecnologia da informação (internet, cyber, etc), além de um maior emprego de uma matriz informacional. Esta atrai os estudos para fundamentar a importância da manobra informacional no campo de batalha, otimizadas com o aumento das ações nos meios de informação, através da utilização de tecnologias de sistemas, ressaltando a importância da dimensão informacional na modelagem do ambiente.

A guerra cognitiva, cujo conceito se aproxima bastante ao da informacional, ficou bem definida como a abordagem de armas combinadas que **integra guerra não cinética, capacidades cibernéticas, informação, engenharia social e operações psicológicas** a fim de obter a vitória sem o combate físico. Portanto, o teatro de operações dessa “guerra” é a mente das pessoas. (*Cognition Workshop Innovative Solutions to Improve Cognition*, 2021)

Nesse viés, a Rússia utiliza as redes sociais com muita força nas ações de guerra informacional. A publicação, em massa, de produtos pró-Rússia nas redes sociais é bastante

significativa, com um sensível aumento durante o conflito com a Ucrânia. Segundo Perez e Nair (2022), em seu artigo para a revista digital *Foreign Policy*, apenas na primeira semana da guerra, vídeos de diversas fontes no TikTok com a “hashtag” #Russia e #Ukraine acumularam 37,2 milhões e 8,5 milhões de visualizações, respectivamente. A Rússia opera as redes sociais de forma peculiar, pois restringe com censura usuários internos e divulga, maciçamente, sua propaganda nessas plataformas, confirmando que “O Facebook e o Twitter estão ambos proibidos dentro das fronteiras da Rússia, mas a propaganda e a desinformação russas dirigidas ao público externo ainda florescem nestas plataformas. Na Rússia, o YouTube e o TikTok ainda são acessíveis aos cidadãos comuns, mas com forte censura” (Perez; Nair, 2022).

O país possui algumas redes sociais próprias, sob controle do governo central, para a comunicação entre os próprios russos. Desta forma, foi levantado que a plataforma de mídia social mais popular usada na Rússia é o VKontakte (VK), porém também possuem destaque o Telegram (muito utilizado Brasil) e o Yandex. Tal medida de censura tem alavancado a propaganda russa interna e bloqueado a propaganda anti-russa para o público interno do país.

Por outro lado, a doutrina militar ucraniana de guerra informacional não é muito clara e divulgada. Especialistas têm relatado que a Ucrânia segue, em geral, a mesma linha russa para esse tema, porém não tem demonstrado a mesma força que o rival no ambiente informacional. A Ucrânia tem empregado como maior meio de ações informacionais as transmissões pelas redes sociais e pela mídia tradicional. O mundo inteiro tem acompanhado o conflito por esses meios e tem sido atingido pela campanha ucraniana, liderada por seu presidente Volodymyr Zelensky, com claro apoio da mídia ocidental.

Ainda nesta temática da doutrina militar informacional da Ucrânia, foi publicado no periódico israelense *The Jerusalem Strategic Tribune*, um artigo de autoria de Rakov e Shuker (2023), em maio desse ano, afirmando que:

“durante a guerra, o governo ucraniano reforçou o seu controle sobre os meios de comunicação social, promoveu a sensibilização para a segurança da informação entre o público ucraniano e incentivou a resistência e a coesão interna contra a agressão russa. O governo Zelensky

utiliza comunicações estratégicas para ajudar a garantir uma imagem positiva no Ocidente e pressionar os governos ocidentais por ajuda militar, econômica e política.” (Rakov; Shuker, 2023)

Da análise das desinformações¹ publicadas como ações na dimensão informacional, pode-se inferir a existência de um padrão de disseminação. Em complemento, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) emitiu um estudo denominado *Cognitive Warfare: The future of cognitive dominance*, com a organização de B. Claverie. Nesse citado estudo, complementa-se a definição de guerra cognitiva, pois explica-se que “o objetivo geral de uma guerra cognitiva é atuar sobre o que os indivíduos pensam, como eles pensam, e em última análise, como eles agem, visando influenciar ou desestabilizar uma nação” (Claverie, 2022).

Um conceito moderno empregado por alguns autores relativo à dimensão informacional do conflito é a de Controle reflexivo e o de Guerra mental. Ambos os conceitos partilham um quadro teórico e filosófico comum, ligando-os aos processos cognitivos. Além disso, “Guerra Mental” também compartilha o princípio de “refletividade” com “Controle Reflexivo”. Segundo Býrziŷš (2023), o Controle Reflexivo envolve a técnica de fornecer ao oponente informações especializadas do inimigo para induzi-lo a realizar voluntariamente uma ação predeterminada e desejada pelo controlador. Isso pode ocorrer através da alteração do processamento de informações do inimigo (cognitivo) ou da disseminação seletiva de mensagens (informativas), portanto, o Controle Reflexivo visa alterar as percepções do sujeito sobre o mundo material para afetar a consciência social e mudar seu processo cognitivo.

No mesmo artigo, Býrziŷš cita que o papel da guerra mental neste processo é derrotar a consciência social através da utilização de um sistema de métodos e meios de influência com uma combinação estratégica de atividades e operações de diferentes escalas com o objetivo de “ocupar” a consciência do adversário, levando à paralisia da sua vontade e induzindo mudanças na mentalidade individual e coletiva da população (Claverie apud Karavaev, 2022).

Outro aspecto de relevante importância para o estudo de qualquer ação são os objetivos traçados por cada nação. No caso em tela, é

a elucidação dos objetivos informacionais para o conflito, pois eles balizarão a atuação nessa dimensão do ambiente operacional. Tais objetivos nem sempre são claros, pois a obscuridade, neste caso, poderá levar a maiores triunfos informacionais. Embora esses objetivos da dimensão informacional sejam muito difíceis de serem elucidados, podem ser inferidos através de análises de ações executadas.

Os discursos e pronunciamentos do presidente russo Vladimir Putin têm sido de uma importância informacional substancial. As falas oficiais e transmitidas de Putin estão sempre carregadas de elementos significativos, evocando a sua história, a dependência da Ucrânia à “Mãe Rússia”, a não confiabilidade do ocidente em cumprir acordos e acertos prévios, visando atingir o público interno russo, bem como a opinião pública eslava, ocidental e internacional.

Em relação à Ucrânia, Wilson (2022) relata pontos importantes da ação informacional, destacando as reuniões de Zelensky com diversas cúpulas e diversos líderes mundiais, pressionando-os a apoiar política, econômica e militarmente. A figura do presidente ucraniano tem sido de uma importância informacional poucas vezes vistas na história dos conflitos modernos. Zelensky tornou-se um ícone de resistência e patriotismo quando declarou que “Não preciso de helicóptero para sair da Ucrânia, mas sim de munição e combustível”. Utilizando uma técnica de identificação visual, ele usa roupas de cores militares, simples e realiza transmissões pelas redes sociais de locais em pleno conflito e bombardeio, externando à população a motivação à resistência aos ataques.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste atual embate entre Rússia e Ucrânia, ainda que os Estados Unidos da América e a OTAN não estejam diretamente engajados na violência do conflito – salvo pela disponibilização de armamentos, é notável o modo como as construções midiáticas se assemelham às das coberturas do passado. As linhas mestras da narrativa ocidental tornaram-se dominantes e sobrepõem-se às frágeis tentativas de manipulação informacional direta do governo russo, que acabam isoladas e incapazes de produzir consensos fora do seu território.

Afirmar que a conflagração atual segue uma linha narrativa organizada pelo Ocidente não significa se mostrar favorável à invasão ou

1. (Des)informação: conforme o *Cambridge Dictionary* e o *JP 3-13, Information Operations*, o termo significa informações erradas ou o fato de as pessoas estarem mal-informadas sobre determinado assunto.

acatar uma surreal legitimidade dessa violência organizada e de seus objetivos. Mas implica em observar como a sociedade dá atenção para este conflito ao ser impregnada pelas informações da mídia ocidental, a partir de pressupostos extremamente controversos de ambos os contendores.

Desta forma, podemos chegar a algumas conclusões, com base no que foi apresentado, pois inicialmente verifica-se a necessidade de saber que em todo o conflito moderno haverá grande probabilidade do emprego da guerra informacional em apoio às ações cinéticas. Portanto, o desenvolvimento de pensamento crítico deve ser prioritário para aqueles que pensam sobre a guerra. Saber que não existe mais ação militar bélica sem o apoio e suporte das ações informacionais, isto é, não somente saber empregar, mas principalmente, saber defender-se destas ações, pois a citação do dramaturgo Ésquilo fica tão mais atual quando diz: “Na guerra, a verdade é a primeira vítima”.

O emprego de meios informacionais para angariar apoio à uma causa, bélica ou não, faz parte de um conjunto de ações do que hoje chama-se “*Smart Power*”. Além das ações gerais de guerra informacional, apresenta-se, ainda, com grande constância, uma vertente muito importante que é a guerra cognitiva. Ações diretas, através do mundo informacional, sobre os combatentes de ambos os lados do conflito têm sido usadas ao longo de séculos. O sábio chinês que viveu por volta de 500 a. C. Sun Tzu escreveu em sua obra *A Arte da Guerra* que “derrotar o inimigo em cem batalhas não é a excelência suprema; a excelência suprema consiste em vencer o inimigo sem ser preciso lutar” (Tzu, 2006). pois adentrar na vontade do inimigo e fazê-lo perder a força para lutar depende-se menores recursos e danos colaterais

reduzidos, trazendo encurtamento de conflitos e desmoralização do oponente, realizando uma modelagem social através de ações coordenadas informacionalmente.

O presente artigo teve por finalidade, duas propostas para reflexão: analisar o emprego da comunicação estratégica, com foco na guerra informacional, e ainda, se os objetivos traçados como sendo da dimensão informacional, em apoio aos objetivos políticos de ambos os contendores, foram ou estão sendo atingidos. Para isso, verificou-se que o estabelecimento de objetivos é essencial para o direcionamento das ações informacionais realizadas. Por conseguinte, analisar o emprego da comunicação e da guerra informacional pelos russos e ucranianos no conflito atual entre os países otimiza a modelagem do ambiente informacional de cada um dos contendores, tendo como fulcro a modelagem do ambiente estratégico nos dois anos do conflito.

Finalizando, o que se pode observar, até o presente momento, é que ambos os contendores sabem utilizar os objetivos de comunicação estratégica de maneira bastante efetiva. Portanto, deve-se ter um enorme cuidado, seja porque se lida com os mestres, russos, seja porque se lida com seus aprendizes (que são potencializados pelo Ocidente).

Ainda é possível que existam artigos dentro do recorte cronológico do conflito que não tenham sido aqui abordados, devido à não indexação dos periódicos em bases de consulta de portais acadêmicos ou interescolares, sendo que boa parte foi encontrada mediante uso do portal acadêmico do Google, ou em alguns casos, no portal simples do Google. Nesse caso, fica o alerta para outros estudiosos sobre modelagem do ambiente estratégico para que ocorra uma melhor integração, de modo a facilitar trabalhos e pesquisas futuras sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

1. BARATA, Pedro GS; PIEDADE, João CL. *Da Primeira Grande Guerra às guerras de quinta geração A transformação da guerra e as novas ameaças*. OBSERVARE 2nd International Conference, 2nd, 2014. Lisboa: Actas, 2014. 14p.
2. BORDEN, Andrew. *What is Information Warfare?*. Air University, 2022. Disponível em: < <https://www.airuniversity.af.edu/Portals/10/ASPJ/journals/Chronicles/borden.pdf> >. Acesso em 12 de setembro de 2023.
3. BRASIL, Exército Brasileiro. **EB60-CE-11.001: Comunicação Estratégica**. 1ª Ed. Departamento de Educação e Cultura do Exército. Rio de Janeiro, RJ, 2023.
4. BRASIL, Marinha do Brasil. **Boletim Geocorrente, Edição especial: dois anos do conflito Rússia x Ucrânia - Escola de Guerra Naval**, Rio de Janeiro – RJ, 06 de março de 2024.
5. BRASIL, Ministério da Defesa. **Estudos Militares Conjuntos: conflito Rússia-Ucrânia, possíveis ensinamentos para o emprego conjunto das Forças Armadas**. Rio de Janeiro, 2022.

6. BŪRZIŪŠ, Jŷnis. *The Cognitive Battlefield: Exploring the Western and Russian Views*. National Defence Academy of Latvia Centre for Security and Strategic Research. CSSR Paper 05/23, ano 2023. 15 p.
7. CARILLO, M. V. **Comunicação Estratégica no ambiente comunicativo das organizações atuais**. Comunicação e Sociedade, 2014.
8. CLAVERIE, Bernard; Et tal. *Cognitive Warfare: The Future of Cognitive Dominance*. NATO. Neuilly-sur-Seine Cedex, France. 2022
9. CLUTTERBUCK, R. **Guerrilheiros e terroristas**. BIBLIEX. Rio de Janeiro, 1977.
10. CORVISIER, André. **A Guerra**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1999.
11. COUTAU-BEGARIE, Hervé. **Tratado de Estratégia**. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010.
12. FERRARO, Vicente. **A Guerra na Ucrânia: Uma análise do conflito e seus impactos nas sociedades russa e ucraniana**. LEA-USP, São Paulo, SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8444-7739>. Postado em: 11 de março de 2022.
13. FLAVELL, J. H. *Metacognition and cognitive monitoring: A new area of cognitive-developmental inquiry*. American psychologist, 34(10), 906, 1979.
14. FRANKIN, David. **Paz e Guerra no Oriente Médio; a queda do Império Otomano e a criação do Oriente Médio moderno/ David Fronkin; tradução Teresa Dias Carneiro**, - Rio de Janeiro: Contraponto. Biblioteca do Exército. 2011.
15. FULLER, J. F. C. **A Conduta da Guerra**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2002.
16. HERRMANN, Jon. STEED, Brian. **Como Entender as Informações como uma Arma**. Military Review, Março 2018.
17. HOBSBAWM, J. Eric. **A era dos impérios**; tradução Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo; revisão técnica. Maria Celia Paoli – Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1988.
18. HOLTZHAUSEN D, R; ZERFASS, A. *Strategic Communication Opportunities and Challenges of the Research Area, In: The Routledge Handbook of Strategic Communication*. Routledge, 2014, p. 3-17.
19. JOMINI, Antoine Henri. **A Arte da Guerra**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1949.
20. JORDAN, David. **História da Segunda Guerra Mundial – A maior e mais importante guerra de todos os tempos**. M. Books do Brasil Editora Ltda. São Paulo. 2011.
21. KEEGAN, John. **Uma História da Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
22. LISBÔA, Caio de Vargas. **A integração das capacidades relacionadas à informação que atuam sobre o público, Comunicação Social e Operações Psicológicas, desde o tempo de paz, no nível estratégico-operacional, a luz do conceito da Comunicação Estratégica**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional. Rio de Janeiro, 2020.
23. LOBLER, M. L. **Processamento da informação: uma avaliação dos diferentes níveis de conhecimento no processo de decisão**. 2005. 215 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/4732>. Acesso em: 02. mar. 2024.
24. LOPES, João Ricardo da Cunha Croce. **Controle reflexivo russo: teoria militar e aplicações**. Coleção Meira Mattos, Rio de Janeiro, v. 16, n. esp., p. 15-41, dezembro 2021.
25. MACHADO, Flbio Meireles. **A GUERRA INFORMACIONAL NOS EMBATES BÉLICOS MODERNOS: ESTUDO DO CONFLITO RUSSO-UCRANIANO**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Superior de Defesa, como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Altos Estudos em Defesa. Brasília, 2023.
26. MARQUES DE LEMOS, Elsa Cristina Enguiça. **Media e a Gestão da Percepção nas Novas Conflitualidades**. Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Guerra da Informação, Academia Militar. Lisboa, 2012.
27. NATO. **MEDIA – (DIS)INFORMATION – SECURITY**. Defence education enhancement programme, 2021. Disponível em: < https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_176030.htm>. Acesso em 08 de março de 2024.
28. NATO STRATCOM CENTRE OF EXCELLENCE. *About Strategic Communications*. Disponível em: <<https://www.stratcomcoe.org/about-strategic-communications>>. Acesso em: 02 de março de 2024.
29. NUNES, Cristiano Monteiro. **Análise preliminar da perspectiva cognitiva da dimensão informacional no conflito entre Rússia e Ucrânia através da aplicação de técnicas de aprendizagem de máquina de supervisão fraca**. Artigo de apresentação para o XII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais Rio de Janeiro – RJ – Brasil, 11 de agosto de 2022.
30. PACEPA, I, M; RICHLAK, R, J. **Desinformação: Ex-chefe de espionagem revela estratégias para solapar**

a liberdade, atacar a religião e promover o terrorismo. Campinas-SP, 2015.

31. PEREIRA, Breno A. Diniz, LOBLER, Mauri Leodir e SIMONETTO, Eugênio de Oliveira. *Analysis of Models of Decision Making in the Cognitive Approach*. Rev. Adm. UFSM, Santa Maria, v. 3, n. 2, p. 260-268, mai./ago. 2010.
32. PEREZ, Christian. NAIR, Anjana. *Information Warfare in Russia's War in Ukraine - The Role of Social Media and Artificial Intelligence in Shaping Global Narratives*. Foreign Policy, 2022. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2022/08/22/information-warfare-in-russias-war-in-ukraine/>> Acesso em 09 de março de 2024.
33. PERON, Alcides E.dos R. **Guerra Informacional no conflito Rússia e Ucrânia: uma aproximação ao controle informacional nos conflitos**. Grupo de estudos de defesa e segurança internacional (GEDES), 2022. Disponível em <<https://gedes-unesp.org/guerra-informacional-no-conflito-russa-e-ucrania-pt1/>> Acesso em 06 de março de 2024.
34. RAKOV, Daniel; SHUKER, Pnina. *Russia-Ukraine Information Warfare and the Challenge for Liberal Democracies*. The Jerusalem Strategic Tribune, 2023. Disponível em <<https://jstribune.com/shuker-rakov-russia-ukraine-information-warfare>>. Acesso em 01 de março de 2024.
35. SILVA, Sylvio P.; FILHO, Paulo R. S. G. **Guerra Informacional no Campo de Batalha**. Centro de Estudos Estratégicos do Exército (CEEEx), 2022. Disponível em: <<http://ebrevistas.eb.mil.br/CEEExAE/article/view/9526/8113>>. Acesso em 08 de março de 2024.
36. TZU, S. **A Arte da Guerra**. São Paulo: Record, 2006.
37. UNITED STATES. *Headquarters, Department of the Army*. Field Manual 3-13: Inform and Influence Activities. Headquarters. Department of The Army. Washington, DC, 2017.
38. UNITED STATES. *Joint Chiefs of Staff*. Department of The Army. Department Of the Navy. Department of The Air Force. United States Coast Guard. Commander's Communication Synchronization. Joint Doctrine Note 2-13. 16 December 2013.
39. VERHOEVENA, P; ZERFASSB, A.; TENCH, R. *Strategic Orientation of Communication Professionals in Europe, International Journal of Strategic Communication, vol. 5, n. 2, p. 95-117, 2011.*
40. WALKER, M, S; TRAMA, G, A; MOTTA, G; MORESI, A; AMAYA, C. *Operaciones en el Ambiente de la Información*. Escuela Superior de Guerra Conjunta. Editorial Visión Conjunta. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Estado Mayor Conjunto de las Fuerzas Armadas, 2023.
41. WILSON, Gavin. *Information Warfare: what is it, and why should we care?*The Cove, 2022. Disponível em: < <https://cove.army.gov.au/article/information-warfare-what-it-and-why-should-we-care-0>> Acesso em 08 de março de 2024.
42. BAPTISTA, Ligia Pavan. **GUERRA E PAZ NA TEORIA POLÍTICA DE THOMAS HOBBS**. Disponível em: www.abri.org.br/anais/3_Encontro_Nacional_ABRI/Teoria_das_Relacoes_Internacionais. Acesso em: 04 de Abril de 2024.
43. COEB 2040. Disponível em: www.sociedademilitar.com.br/2024/01/conceito-operacional-do-exercito-brasileiro-coeb-ate-2040-estado-maior-do-exercito.html. Acesso em: 04 de Abril de 2024.
44. BRASIL, Exército Brasileiro. **EB20-MF-07.101: Doutrina Militar de Defesa**. Acesso em: 04 de Abril de 2024.
45. **New York Times**. Disponível em: www.nytimes.com/2023/08/18/us/politic/ukraine-russia-war-casualties.html. Acesso em: 04 de Abril de 2024.
46. Panorama do conflito na Ucrânia Nr 09. Disponível em: <https://ompv.eceme.eb.mil.br>. Acesso em: 04 de Abril de 2024.
47. **Estudo de caso**. Disponível em: www.gov.br/esg/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes. Acesso em: 04 de Abril de 2024.

SOBRE O AUTOR

O Coronel R1 Newton Cléo Bochi Luz é instrutor da ECEME, como Assessor de Planejamento Estratégico e Operacional da Divisão de Doutrina. Foi declarado Aspirante-a-oficial em 1986, pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Possui os cursos de Aperfeiçoamento de Oficiais pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e de Comando e Estado-Maior pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Em 2012, concluiu o Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia (CAEPE), pela Escola Superior de Guerra (ESG), Realizou os cursos Avançado de Montanhismo, Operações na Selva (Cat B), Básico Paraquedista. No PERU realizou os cursos de Operações Psicológicas e Relações Internacionais, em 2004. Comandou o 7º Batalhão de Infantaria Blindado – Regimento Gomes Carneiro, em 2006-2007 e foi Chefe do Centro de Coordenação de Operações, do Cmdo Mil Sul, de 2013 a 2016. (bochi.newton@eb.mil.br)